

# Adequação e Rigor na Investigação Fenomenológica em Enfermagem – Crítica, Estratégias e Possibilidades

Adequacy and Accuracy in Nursing Phenomenological Research – Analysis, Strategies and Possibilities

Luís Manuel de Jesus Loureiro \*

## Resumo

Este artigo constitui um contributo de ordem metodológica para a adequada aplicação do método fenomenológico na investigação em Enfermagem. Partindo das definições de validade e fidedignidade dos estudos de natureza quantitativa, procura com base nos critérios paralelos descritos na literatura (*credibilidade, transferibilidade, dependência, confirmabilidade*), e que constituem os “cânones da boa ciência”, apresentar as estratégias de credibilização dos achados e de incremento de rigor no processo de investigação de cariz fenomenológico.

Palavras-chave: investigação fenomenológica, credibilidade, transferibilidade, dependência, confirmabilidade

## Abstract

This article represents a methodological contribute to the adequate application of the phenomenological method in nursing research. Considering the definitions of validity and reliability of quantitative studies, it aims to present the strategies of credibilization of the findings and the increment of rigour in the process of phenomenological research, having for basis the parallel criteria described in literature (credibility, transferability, dependence and confirmability), seen as the “canons of good science”.

Keywords: phenomenological research, credibility, transferability, dependence, confirmability

\* Professor Adjunto da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca.

Recebido para publicação em 26-01-06.  
Aceite para publicação em 07-03-06.

*“Depende de nós próprios encontrar o único e verdadeiro significado da fenomenologia”*

MERLEAU-PONTY

## Introdução

Falar em abordagens qualitativas, é enunciar um conjunto complexo e numeroso de modelos que perpassam entre outras pela Display of data (Miles e Huberman, 1994), Content Analysis (Krippendorff, 1980), Análise dos processos verbais (Ericsson e Simon, 1980), Fenomenologia (Giorgi, 1994; 1997; Van Manen, 1991), Grounded theory (Glasser e Strauss, 1967; Strauss e Corbin, 1997), Etnografia (Agar, 1986; Fetterman, 1989), os estudos de caso (Yin, 1993, 1994; Stake, 1995), entre muitos outros, ancorados de modo genérico naquilo que podemos designar de paradigma qualitativo de investigação (Delefosse e Rouan, 2001).

Nas últimas décadas assistimos, tanto ao nível da investigação em Enfermagem como noutros domínios, a um apelo para a inadiável necessidade de aplicar diferentes modelos de abordagem da realidade, ou novos modos de fazer investigação, nomeadamente recorrendo ao potencial destas “ferramentas”. Esta evocação é resultado dos expansivos debates acerca dos limites, adequabilidade e potencialidades de cada modo de encarar a realidade, quer seja sob o prisma quantitativo (positivista) quer qualitativo (naturalista).

A natureza das problemáticas com que se trabalha, é uma das principais causas advogadas para a sua utilização, já que a tradicional abordagem quantitativa se mostra muitas vezes insuficiente ou mesmo desadequada, e reforça a “necessidade de novas orientações epistemológicas e metodológicas na prática de investigação centradas em fenómenos relevantes para a prática, facilitando a centração na dimensão existencial e relacional do ser humano” (Gameiro, 2003, pág. 12).

No entanto, vimos ainda hoje ser atribuída maior relevância à produção de investigação em Enfermagem e noutros domínios sob a óptica positivista (Abdellah e Levine, 1971; Polit e Hunger,

1983). Esta relevância advém dos resultados que tem produzido no cômputo geral das ciências da saúde, onde é dominante (Gameiro, 2003) e onde esteve tradicionalmente enraizada, e que se traduz no facto da generalidade das revistas científicas darem, ainda hoje primazia a trabalhos que se dirigem sob uma óptica positivista. Assim e como a comunidade científica actua como juiz e avaliador daquilo que são os resultados, a forma e condições em que são obtidos, (Vieira, 1996), são consensuais algumas das reservas colocadas pelos investigadores quantitativos às congéneres qualitativas, e do seu modo de fazer ciência, acusando-as de alegada falta de rigor e credibilidade, e que consomem a ideia de que não se trata de facto de *ciência verdadeira*, pois não medem a qualidade dos processos nem dos resultados, tão pouco produzem evidência (Wolcott, 1994). O que elas produzem são muitas vezes descrições, análises e interpretações subjectivas que não são mais que meras “*percepções imaculadas*” (Beer, 1973), impossíveis de qualquer generalização ou replicação.

Quer se considerem ou não rígidas estas posições positivistas e neopositivistas face às abordagens qualitativas, certo é que se trata de um dos maiores obstáculos à sua utilização no campo das ciências sociais e humanas. A estas críticas os investigadores qualitativos responderam de varias formas, a) fechando-se sobre si mesmos, numa tonalidade fundamentalista que advoga de forma imprudente e redutora o encarceramento da investigação qualitativa sobre si mesma, b) criando critérios que permitem atribuem rigor metodológico, recorrendo à mesma linguagem; c) ou então estabelecendo critérios equivalentes aos da validade e fidedignidade dos estudos de natureza quantitativa, seguindo terminologias próximas, mas específicas, com as devidas alterações.

Apesar de não ser objectivo deste artigo debater estas ideias, e aceitando como questionável a afirmação de *verdadeira ciência ou ciência verdadeira*, a prática tem-nos proporcionado, com alguma clareza, a confusão que presenteia à escolha da abordagem a seguir num estudo. Em nosso entender, reside aí todo o problema, pois o que

habitualmente preside à escolha é mais o gosto por determinadas abordagens (ou repúdio pelas que utilizam instrumentos de apoio à decisão, como a estatística) do que a própria adequabilidade do método à problemática de estudo.

Em determinado tipo de problemáticas, apenas a abordagem qualitativa ou mesmo a fenomenológica deve ser usada, e isso está ligado aos próprios objectivos do estudo, mas sempre que a adequabilidade das metodologias qualitativas seja feita sem qualquer filtro, corremos o risco de pensar que estamos a lidar com o *melhor dos mundos possíveis* e de facto tal pode não corresponder inteiramente à verdade.

Um pressuposto fundamental é o de que ambos os paradigmas concebem, julgam e abordam a realidade e, mesmo que opostos, contribuem para o desenvolvimento da disciplina de Enfermagem, pois não só levantam importantes questões à disciplina em si, como às suas orientações ontológicas e epistemológicas, dado que definem e lançam linhas metodológicas próprias para a prática científica, orientando os investigadores para os fenómenos e proporciona-lhe critérios e orientações metodológicas de forma a resolver os problemas, colher, analisar e interpretar os dados (Newman *et al.*, 1991).

Creemos que algumas das críticas que são imputadas às investigações de natureza qualitativa, em especial a fenomenológica, fazem sentido e ficam a dever-se a algumas aporias de quem faz uso destas abordagens, nomeadamente na confusão e desconhecimento dos princípios onto-epistemológicos de cada abordagem (Fenomenologia; Teoria Fundamentada, Etnografia; para referir as mais usuais), reduzidos em uníssono a uma técnica de análise de dados, genericamente designada de *análise de conteúdo*, e “escoltados” por um conjunto de perguntas de um guião de entrevista. Ou então ao reclamar da utilização destas abordagens em nome de um proclamado humanismo, como é referido regularmente, só porque uma conversa mais ou menos dirigida é sinónimo de maior preocupação pelo ser humano, realidade impossível e inacessível a qualquer escala, inventário ou operação estatística.

Parece-nos que o ênfase no relacionamento entre paradigmas pode perder o sentido se a questão base que presidir à escolha de um ou outro método (*qualitativo* ou *quantitativo*) não for a natureza da problemática em estudo (Loureiro, 2002; Gameiro, 2003), indicando para isso o que levou o investigador a optar por tal abordagem, isto porque “uma abordagem indutiva e ingénua da realidade pode resultar numa visão conformista e conservadora, de senso comum, incutida pelas ideologias dominantes” (Gameiro, 2003, p. 13). Podemos dizer que não há métodos perfeitos (Simões, 1990), como não há uma forma única de abordar a realidade, apenas uns poderão ser considerados mais adequados que outros. Em certas temáticas, até pode tornar-se pertinente usar ambas as abordagens, mas há que o justificar de forma adequada.

## Da adequação do método fenomenológico

A adequação entre a problemática em estudo e a abordagem mais correcta é essencial para a utilização do método fenomenológico. Vejamos aspectos concretos destas questões a partir de exemplos de vários estudos publicados e que referem a utilização do método fenomenológico, tanto no que concerne à adequação da abordagem à temática em estudo, como ao percurso metodológico.

Um dos trabalhos tem por título: *A percepção de docentes do curso de graduação em enfermagem e obstetrícia de uma universidade pública federal sobre a integração docente assistencial* e foi realizado por Shimizu (1999). A autora refere que o trabalho tinha como objectivo explicitar a percepção dos docentes do curso de graduação em Enfermagem de uma Universidade pública do Distrito Federal sobre a Integração Docente Assistencial. E, para compreender essas *vivências das enfermeiras docentes*, optou pela vertente metodológica da fenomenologia, na *modalidade da estrutura do fenómeno situado*. Para isso

recorreu a uma *pergunta orientadora* e que definiu do seguinte modo: «o que é para si a integração docente assistencial?».

Se olharmos, ainda que de forma breve, para a problemática, objectivo e questão orientadora, verificamos que existe desde logo uma discrepância entre aquilo que são os objectivos da fenomenologia, centrados explicitamente na experiência vivida (Loureiro, 2002) e para o qual é adequada, como por exemplo a vivência de determinada situação problema relacionada com a doença (experiência de amputação de um membro; depressão no pós-parto; a morte de alguém querido) e o juízo opinativo e circunstancial sobre determinado facto. É diferente questionar as pessoas sobre o que pensam sobre a interrupção voluntária da gravidez, e a experiência vivida de uma interrupção voluntária da gravidez. Naturalmente que os resultados desta desadequação traduzem-se por uma certa anarquia metodológica a que a fenomenologia não se presta.

A adequação da abordagem fenomenológica à temática em estudo pode ser traduzida entre outras, pela reflexão em torno de duas questões (Cohen *et al.*, 2000):

- a) Pretendemos estudar a experiência vivida, o seu significado do ponto de vista daqueles que a vivem ou viveram?
- b) Pretendemos uma reflexão a partir da experiência das pessoas sobre determinado facto ou então experiências vicariantes?

A fenomenologia deverá ser utilizada apenas quando obtém uma resposta afirmativa à 1.<sup>a</sup> questão. Se a sua temática se centra na 2.<sup>a</sup> questão naturalmente que não deve de modo algum seguir uma abordagem fenomenológica, pode isso sim seguir outro tipo de abordagem qualitativa. Designar qualquer temática como fenomenológica, ou passível deste tipo de análise, é um equívoco sério que compromete a investigação.

Outras vezes a confusão situa-se noutra nível, já não o da adequação da abordagem à temática, e que reflecte um desconhecimento dos pressupostos onto-epistemológicos de cada abordagem, mas numa utilização indistinta, abusiva e pouco rigorosa

de determinados conceitos, como é exemplo o trabalho de Freitas (2002) sob o título: *Uma abordagem fenomenológica da fome*, em que se confundem e misturam diferentes abordagens. Neste caso a autora segue um percurso de tipo fenomenológico, mas refere no próprio resumo do artigo que se “trata de um estudo etnográfico da fome realizado num bairro popular da cidade de Salvador, Bahia, cujo objectivo é a compreensão do fenómeno da fome, a partir do ponto de vista de actores sociais que vivem em condições de extrema pobreza”, e que pretende reunir “alguns elementos para aprofundar a compreensão sobre os objectos da saúde e nutrição”. Naturalmente que as abordagens (fenomenológica e etnográfica) são distintas e pressupõe problemas, métodos e análises diferentes.

Noutros casos, são os próprios achados do estudo, representados com uma listagem de temas, que nos mostram, não a essência do fenómeno tal como é vivido, mas os aspectos circunstâncias, colocados de modo indistinto, como é exemplo o trabalho: *Comunicar-se com o paciente sedado: vivência de quem cuida*, de Zinn *et al.*, (2003). Este trabalho caracteriza o fenómeno da comunicação como algo que “aproxima o cuidador do paciente; é importante por proporcionar uma troca entre ambos, aumentando a percepção sobre o que o paciente está sentindo; é importante por ser um passo anterior à invasão da privacidade do paciente; é um instrumento de mensuração da profundidade da sedação; é necessário; acalma o paciente; é função do enfermeiro; diferencia o profissional; algumas vezes, ocorre como um acto condicionado, sem reflexão”.

Naturalmente que uma reflexão prévia em torno do que está produzido sobre a temática da comunicação permitia-nos colocar desde logo uma outra questão, mesmo que seja passível de uma abordagem fenomenológica, e que se pode relacionar com a adequação do método (Cohen *et al.*, 2000):

- a) O problema é “novo”? Se não é, necessita de uma nova perspectiva ou de ser analisado com maior profundidade do que aquela que está documentada na literatura? Qual a razão de tal necessidade?

Naturalmente que neste trabalho (referido anteriormente) a questão também se coloca na própria linguagem utilizada. Um conjunto de afirmações ou enunciados que pretendem ser temas como estão descritos, dificilmente sugerem a essência da comunicação com o paciente sedado, uma estrutura do fenómeno, podendo eventualmente caracterizar alguns aspectos circunstâncias ou então sugestões para a prática profissional.

Como referimos, uma reflexão prévia é fundamental para verificar se a abordagem é adequada, no entanto esta pode implicar outra ordem. Quando os investigadores referem que têm um elevado índice de familiaridade com o fenómeno, e realizam extensas revisões bibliográficas sobre o tema, como procedem à *suspensão na crença do fenómeno* (colocar entre parênteses) que o método fenomenológico protagoniza? Como procedem para que as suas ideias, crenças e preconceitos não “contaminem” o estudo? A fenomenologia considera a “suspensão na crença do fenómeno” como o primeiro passo na investigação fenomenológica (Loureiro, 2002).

Assim e de acordo com o processo de investigação, torna-se necessário inicialmente um quadro de referência que englobe os diferentes tipos de enquadramentos (conceptual, contextual e onto-epistemológico). Então como combinar “objectivos” tão díspares? Uma exigência que é constitutiva da investigação (enquadramento) e outro que é pressuposto base desta metodologia (“colocar entre parênteses”)?

É comum não incluir o enquadramento teórico, ou seja, as teorias e conceitos relacionados com o fenómeno em estudo, e defini-los posteriormente na discussão dos resultados. Este pressuposto do método fenomenológico é coerente com as preocupações que Altheide e Johanson (1994) referiram como as influências do investigador sobre os produtos da sua investigação.

De modo a responder a esta questão, é comum, por um lado, realizar-se apenas um *enquadramento contextual* (como se definem e desenvolvem os fenómenos) e um *enquadramento onto-epistemológico* (princípios filosóficos em que assenta o método e sua adequação), *evitando o enquadra-*

*mento conceptual*; por outro, os autores sugerem que se passe para escrito aquelas que são as crenças e preconceitos que o investigador tem sobre o fenómeno, e que podem sofrer um incremento com a revisão de outros estudos fenomenológicos sobre a temática. Esta listagem serve como um *check list* para o processo de construção do instrumento de colheita de dados (entrevista), e o processo de análise e interpretação, uma vez que permite “colocar a teste” essas crenças e preconceitos durante o decorrer da investigação (Cohen *et al.*, 2000).

Muitas destas crenças são contrastadas logo durante as primeiras entrevistas, permitindo por isso a introdução de alterações no guião de entrevista, de modo a adequá-lo, para que o investigador não induza as respostas ou a confirmação das suas crenças. Esta reflexão crítica inicial que o *check list* possibilita, deve acompanhar todo o processo, pois emergem como um alerta daquilo que se constitui como fontes de erro. De facto, o conjunto de preocupações e habilidades que são exigidas ao entrevistador (investigador) e que fazem dele o próprio instrumento da investigação, deverão ser reconhecidas pela utilização de um processo reflexivo constante que acompanhe todo o processo, e que é facilitado pela elaboração deste *check list*.

## Rigor na investigação fenomenológica

Encontramos com regularidade uma panóplia de conceitos inscritos no capítulo da metodologia das investigações qualitativas, sob o mote da controvérsia entre paradigmas, tais como *triangulação*, *saturação*, *amostras pequenas*, *generalização*, *descrições ricas e densas*, entre outros, que *per si* nada parecem dizer-nos, pois não é explicada nem demonstrada a sua utilização de forma rigorosa, apenas uma descrição enciclopédica. Estes conceitos estão de facto associados às estratégias de incremento de rigor nestas abordagens. Se não são utilizados ou o são inadequadamente torna-se obviamente uma ameaça à credibilidade dos resultados do estudo.

A título de exemplo sobre a utilização destas estratégias, temos o evocar da *saturação* dos dados a par com o recurso a *pequenas amostras*. Esta confusão pode transformar-se facilmente numa contradição irresolúvel. Como apelar para o saturar dos dados e defender ao mesmo tempo que não é necessário uma amostra de tamanho “razoável”? Às quatro ou seis entrevistas realizadas começa a existir saturação? Depende especificamente da natureza do fenómeno e das características associadas aos participantes na investigação, do próprio processo de condução das entrevistas, etc....

A saturação é um conceito que traduz aquele momento em que os dados deixam de trazer coisas novas, o que implica que o processo de análise decorra em simultâneo com a colheita de dados, e não como fazemos nas investigações quantitativas, em que apenas se efectua a análise no fim.

Estas e outras questões remetem-nos para as questões da *validade* e *fidedignidade* dos estudos de natureza qualitativa, e à procura de eventuais estratégias que possam assegurar o seu *rigor* e *credibilidade*, especificamente para o contexto da abordagem fenomenológica.

Os termos validade e fidedignidade estão ligados sobretudo aos métodos quantitativos e por isso mesmo à estatística (Kaplan, 1987; Siegle 1999; Patton, 1990; Lincoln e Guba, 1985; Guba e Lincoln, 1989). Na investigação qualitativa, o problema da validade e fidedignidade dos estudos surge muitas vezes circunscrito no debate da cientificidade e do rigor das próprias metodologias qualitativas, como vimos.

Certo, segundo a afirmação de alguns, que quando recorremos a um abordagem qualitativa não pretendemos descrever a realidade na forma de uma equação matemática, é também certo que não devemos deixar ancorada essa descrição no livre arbítrio do investigador. A questão coloca-se então

em saber até que ponto os *achados* são rigorosos e correspondem à realidade tal como ela é vivida quando realizamos um estudo fenomenológico.

Como nas metodologias quantitativas temos meios para verificar a validade e fidedignidade das investigações, existem formas análogas ou equivalentes de efectuar estes procedimentos na investigação qualitativa e especialmente na fenomenológica?

Encontramos propostos na literatura critérios paralelos (Lincoln e Guba, 1985; Guba e Lincoln, 1989), discutíveis, mas em nosso entender necessários, quando se trata da abordagem fenomenológica. Esta insere-se uma área muito específica da investigação qualitativa e, contrariamente ao que se pode afirmar, pretende ser rigorosa e objectiva, por isso todo o percurso deve ser validado. Mas outros critérios podem ser encontrados na literatura, dependendo em parte da abordagem protagonizada (Goerz e Lecompte, 1988; Kvale, 1996; Cohen *et al.*, 2000; Eisenhart e Howe, 1992).

O quadro seguinte (Lincoln e Guba, 1985) mostra-nos a comparação de critérios entre investigação quantitativa e investigação qualitativa. Iremos tecer algumas considerações sobre cada um deles, no entanto, daremos ênfase à sua aplicação na investigação fenomenológica.

O conceito de *validade interna* refere-se à qualidade de uma investigação científica, ou seja, em que medida as interpretações realizadas correspondem à presença dos fenómenos estudados. Na investigação qualitativa surge o conceito de *credibilidade*. Até que ponto existe adequação entre as realidades tal como são descritas e interpretadas pelo investigador e a realidade tal e qual ela é vivida pelo participante na investigação? Efectivamente, é complexo afirmar um paralelismo entre estes dois conceitos aplicados aos dois tipos de abordagens.

QUADRO 1 – Paralelismos de critérios (Quantitativo *versus* Qualitativo)

| Rigor (Pressupostos)                   |  |                                   |  |
|--|--|-----------------------------------|--|
| Valor da verdade                       | Aplicabilidade                             | Consistência                      | Neutralidade                           |
| Validade Interna<br>↓<br>Credibilidade | Validade Externa<br>↓<br>Transferibilidade | Fidedignidade<br>↓<br>Dependência | Objectividade<br>↓<br>Confirmabilidade |

## Credibilidade

O que nós procuramos com o método fenomenológico é a realidade tal como ela é vivida pelos participantes/informantes; procuramos uma realidade complexa, multifacetada, da qual só nos poderemos apropriar pela riqueza de informação fornecida pelos participantes. A credibilidade responde pois à questão da precisão dos nossos achados, tal como são descritos pelos participantes. Haverá conformidade entre aquilo que descrevemos e aquilo que efectivamente é experimentado e descrito pelos participantes?

Entre o conjunto complexo de estratégias propostas e que procuram incrementar a *credibilidade* deste tipo de abordagem (reduzindo as eventuais fontes de erro), encontramos o prolongamento (do estudo) com observações (entrevistas) persistentes ao longo do tempo até atingir eventualmente a *saturação* dos dados, aquele momento em que nada de novo nos parece sobressair das entrevistas.

A saturação é um termo que aparece regularmente associado ao “tamanho da amostra”, ou do número de participantes, normalmente justificando a necessidade de um reduzido número de participantes. O número de participantes neste tipo de estudos depende da natureza da temática, bem como do modo como é realizada a “colheita de dados”. Em algumas temáticas, como por exemplo o trabalho de Lauterbach (1993) *ibid* Munhall e Boyd (1993), designado de *In Another World: A phenomenological Perspective and Discovery of Meaning of Mothers' Experience with Death of a Wished-for Baby: Doing Phenomenology*, participaram apenas 5 mães, no entanto, face à temática, é de todo aceitável. A autora utilizou outras técnicas para assegurar a credibilidade, não evocando para isso a saturação dos achados. Realizou as entrevistas em casa das participantes, de modo a que existisse privacidade e conforto, até porque a imagem da habitação facilitava o acesso às memórias das mães, das imagens relacionadas com o fenómeno, e realizou várias entrevistas (três a cada mãe) ao longo de oito meses (observações persistentes), com uma duração média de duas horas. É habitual

na abordagem fenomenológica utilizar entre 6 a 12 informantes.

É usual apresentar também a *triangulação* como estratégia de incremento de credibilidade (Lincoln e Guba, 1985; Guba e Lincoln, 1989). A triangulação é um conceito às vezes referido como “multi-método”, mas tem obviamente as suas diferenças. Genericamente, pode ser traduzida como um método ou métodos de verificação de dados ou achados utilizando para isso várias fontes ou mesmo investigadores, ou então fazendo múltiplas combinações. Falamos de triangulação de *dados, investigadores, teorias e métodos* (Denzin, 1978; 1989). No caso do método fenomenológico aparece algumas vezes a referência à triangulação de investigadores, nomeadamente no processo de codificação e análise dos materiais colhidos.

Devemos ser cautelosos dado que a triangulação de investigadores (utilização de vários investigadores) supõe, de acordo com Kimchi e Col. (1991) citados por Fortin (1999), que: a) todos os investigadores participem no estudo em pé de igualdade; b) tenham conhecimentos e competências variados; a competência de cada um seja manifesta.

O problema deste enunciar da triangulação de investigadores pode colocar-se a dois níveis, nomeadamente na *colheita da informação* e na *codificação e análise dos materiais*. Naturalmente que na realização de um estudo fenomenológico, e se considerarmos na forma mais comum de colheita de dados, a entrevista, é de todo impossível pensar em dois ou três investigadores em simultâneo a realizar entrevistas a doentes, ou então dividindo tarefas, cada um fazendo as suas entrevistas. Dado que o objectivo da entrevista fenomenológica se centra na exploração da experiência vivida, ela é diferente dos outros tipos de entrevista e deve ir além de um mero desenrolar de perguntas e respostas, elas devem pressupor a existência de uma relação entre o participante/informante e o entrevistador (Wimpenny e Gass, 2000), de modo que se faça uso da reflexão, da clarificação, do pedido de exemplos e descrições, mostrando-se para isso um interesse profundo pela história do outro.

Para a questão anterior da triangulação, falamos, no processo de codificação, de *acordo inter-subjectivo* e que assenta na utilização de dois ou mais investigadores que funcionam simultaneamente como juizes no processo de codificação. Mas todo este processo deve ser acompanhado pelos informantes, por isso:

- a) preste atenção durante a entrevista: verifique se os participantes no estudo relatam de facto a sua experiência. Poderão falar do seu conhecimento ou opinião acerca do assunto em estudo, e não da sua vivência da problemática;
- b) após transcrição em *verbatim* das entrevistas volte aos participantes e solicite que verifiquem se os relatos correspondem às suas experiências, caso seja necessário, eles poderão proceder a alterações;
- c) solicite a dois especialistas (com experiência na utilização do método) que realizem em conjunto o processo de análise, desde a segmentação de texto à criação de uma estrutura para o fenómeno;
- d) depois de ter realizado a análise das entrevistas desde as unidades naturais de significado até ao índice temático, volte aos participantes para que estes possam verificar que a descrição e interpretação do fenómeno sob estudo corresponde ao fenómeno tal como ele é vivido pelos participantes (co-investigadores).

Beck (1992), num estudo sobre a experiência vivida da depressão pós parto, utilizou a seguinte estratégia para aumentar a credibilidade do estudo: pediu a três mães, das sete que participaram no estudo, que fizessem uma revisão exaustiva da descrição da depressão pós parto, de forma a validar a essência das experiências vividas tal como aparecerem descritas. Além disso, incluiu algumas achegas orais nos achados do estudo. Utilizou ainda o acordo inter-subjectivo, procurando a ajuda de uma outra pessoa com experiência em investigação fenomenológica que verificou com ela cada fase do processo, em especial o processo de descrição e interpretação dos achados.

A credibilidade depende assim não só da riqueza da informação recolhida, mas também das capacidades analíticas do investigador. O enfoque é no sentido de conhecer as realidades tal como são vividas e a interpretação do investigador.

## Transferibilidade

Um outro conceito, o de *transferibilidade* é apresentado como paralelo à validade externa. Por um lado, este processo é facilitado através do processo de amostragem intencional, por outro, pela descrição densa e rica em detalhes que a fenomenologia nos pode proporcionar. Vemos assim que essa descrição só é rica na medida que recorremos a uma “amostra” de participantes que a vive efectivamente na primeira pessoa.

Na investigação qualitativa e na fenomenologia não se procura generalizar os achados da investigação, no entanto a possibilidade de transferibilidade pertence aos leitores do estudo. Não generalizar não significa que não tenha implicações para a prática cuidativa noutros contextos semelhantes, dado que as observações estão definidas em função dos contextos específicos que estudamos. Apesar do investigador não poder especificar a transferibilidade dos achados, ele poderá fornecer informações que poderão ser usadas pelo leitor do estudo (audiência), e este poderá então verificar se os achados se aplicam a uma nova situação.

Em termos de estratégias para aumentar a transferibilidade, valemo-nos da riqueza das descrições. Isto implica a recolha detalhada e atenta das descrições emergidas no encontro com o investigador. Como já dissemos, na fenomenologia utilizamos amostras intencionais, no sentido de aumentar a possibilidade de encontrar informações precisas sobre o fenómeno em estudo. Depende pois de procurar aqueles que vivem o fenómeno e são capazes de o comunicar. Entre os diferentes tipos de amostras existem, por exemplo, as de *Casos Extremos*; *Variação Máxima*; *Casos Típicos*; *Estratificação Intencional*; *Casos Críticos*; *Combinadas* ou *Modelo Misto Intencional*. (Patton, 1990).

O tipo de amostra utilizado com maior regularidade é a amostra intencional por casos tipo.

Apresentamos um exemplar de uma descrição no estudo de Lueterbach (1993) citado por Munhall e Boyd (1993, p. 167), quando uma mãe descreve o seu afastamento e corte com o mundo social nos meses que se seguiram à morte do bebé.

*“Eu não conseguia abrir a porta da frente, eu apenas sentava-me aqui, a olhar através da janela para o que eu nunca ia ter... uma pequena menina no outro lado da rua, que estava a aprender a andar. Eu não conseguia ir buscar a correspondência. Eu não tinha forças para abrir a porta, para enfrentar alguém, ou ver alguém”*

Muitas vezes encontramos grandes quantidades de segmentos das entrevistas, que se traduzem em autênticos resumos. Um exemplar rico e denso de

conteúdo é aquele que está adequado (clareza e rigor) ao tema que descreve, utilizando a linguagem do participante/informante, e que transmite ao leitor a base para entender a forma como o fenómeno é interpretado e apresentado pelo investigador.

Neste contexto, os trabalhos deveriam ter também a preocupação fundamental de apresentar uma representação esquemática do fenómeno sob estudo, isto é a organização estrutural dos elementos essenciais do fenómeno, de modo a facilitar a sua compreensão.

A título de exemplo apresentamos seguidamente dois esquemas de estudos fenomenológicos, o do trabalho de Casida (2005), *The Lived Experience of Spouses of Patients With a Left Ventricular Assist Device Before Heart Transplantation* (figura 1), e que representa os estádios de vida das cônjuges de doentes, elucidado pelos seus temas e subtemas, e um outro de Hsueh-Fen e Stuifbergen (2004) sob o título, *Love and Load: The Lived*

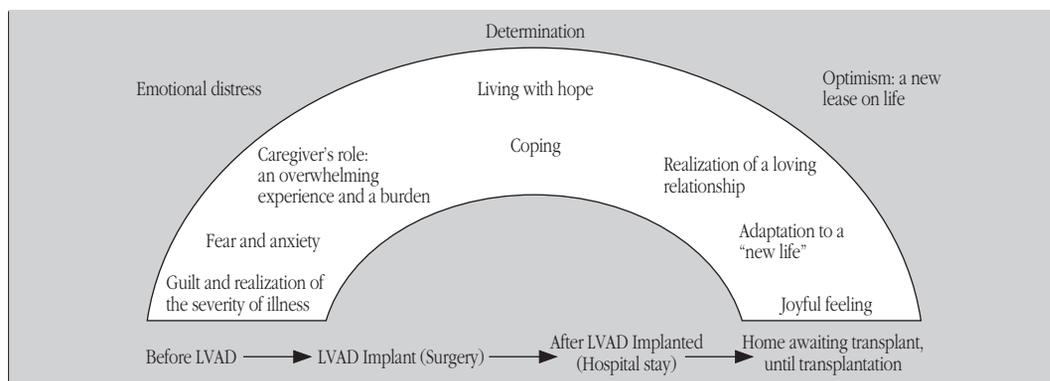


Figura 1 – Stages of life for LVAD patients' spouses during pre-heart transplant period elucidated by themes and subthemes.

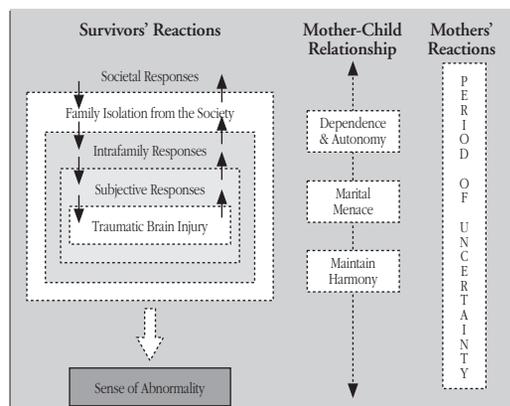


Figura 2 – The interaction between mother caregivers and young adult TBI survivors..

*Experience of the Mother-Child Relationship Among Young Adult Traumatic Brain-Injured Survivors* (figura 2).

Como podemos verificar, ambos os esquemas representam a essência do fenómeno de forma estruturada. Ambas as figuras mostram um esquema assente nas perspectivas da temporalidade, contexto e conexão entre as várias temáticas emergidas. Um facto importante é que os temas e subtemas ao assentarem nestas perspectivas não mostram uma relação de causalidade, eles são aquilo que nos permite compreender o fenómeno.

## Dependência e confirmabilidade

Encontramos também o critério de *dependência*, paralelo à fidedignidade, ou seja, a estabilidade. Uma das formas de verificar este pressuposto passa por uma *auditoria* ao processo e ao próprio método de investigação. A documentação detalhada de todo o processo de pesquisa, bem como das decisões metodológicas tomadas, asseguram ao auditor a apreciação dos achados do estudo. Por isso uma das estratégias é assegurar que, face à documentação, outros investigadores sejam capazes de seguir o processo de investigação e possam chegar a conclusões semelhantes, tendo em conta os dados recolhidos, a perspectiva e a situação.

Por último, a *confirmabilidade* apresenta-se como paralela à objectividade. Ou seja, em que medida os achados do estudo são o produto do foco da investigação e não uma interpretação arbitrária e enviesada do próprio investigador. Um percurso adequado deve permitir a um auditor devidamente treinado determinar se as descrições, interpretações e recomendações podem ser localizadas até à sua fonte.

A integridade da investigação fenomenológica é baseada na própria informação. A qualidade de um processo de investigação depende também do processo de elaboração da documentação da pesquisa. A confirmabilidade da investigação recorre também ao conceito de *auditabilidade*, processo que permite, por analogia com os auditores de contas, verificar a condução de todo o processo. Fazer um processo de auditoria consiste em verificar a informação em bruto, como transcritos em *verbatim*, analisar as notas tomadas aquando da criação de unidades naturais de significado, os significados formulados, os temas, o perfil constitutivo de cada tema, e o índice temático.

Para que tal seja possível, é necessário que os quatro conceitos (critérios) estejam interligados. Para isso, recomenda-se que, de modo *rigoroso*, *claro*, e *detalhado* trabalhe do seguinte modo em vários quadros, para que um auditor devidamente treinado possa fazer uma avaliação de todo o processo.

### 1. Quadro de referência:

- a) Faça uma descrição das referências onto-epistemológicas desta abordagem (fenomenológica), especificamente os seus conceitos e pressupostos na linguagem adequada, mostrando a aplicação desta abordagem à sua área de investigação. Utilize os autores relevantes que a descrevem e aconselham. Isso permite verificar da adequação do método ao fenómeno em estudo e familiarizá-lo com o método.
- b) Elabore um *check list* que lhe permita fazer uma reflexão profunda em torno daquelas que são as suas crenças e preconceitos pessoais relativamente ao fenómeno que pretende estudar. É comum fazer-se um enquadramento contextual (psicossocial, cultural, biomédico, etc....).

### 2. Quadro metodológico:

- c) Mostre a coerência e adequação entre a natureza do problema de investigação e a utilização da abordagem fenomenológica, fazendo uma argumentação de relevância. Não esqueça de identificar de forma precisa o fenómeno que pretende estudar, indicando os objectivos e questões de investigação.
- d) Defina de modo rigoroso o tipo de amostra (participantes/informantes) e o modo de selecção desses elementos, assim como o local e contexto de realização das entrevistas.
- e) Ao determinar o modo e instrumento de colheita de dados, se for entrevista, valide o guião junto de um investigador experiente e dos próprios participantes, especialmente para reformular as questões na fase inicial. É essencial que reconheça a sua capacidade ou apetência para realizar uma entrevista desta natureza.  
Não se esqueça que se a entrevista for realizada numa instituição de saúde, por exemplo um hospital, deverá escolher uma sala confortável, com boa acústica e

resguardada de interrupções, de modo a que o participante se sinta seguro e confiante.

- f) Indique o modelo de análise da informação que irá utilizar de acordo com os autores existentes, bem como os recursos que utilizar, software, gravadores, etc... No modelo, opte pelo que considera adequado e aquele que seja capaz de utilizar.
- g) Defina claramente as estratégias que irá utilizar para os quatro componentes, nomeadamente, credibilidade, transferibilidade, dependência, confirmabilidade, e o perfil do auditor que colaborará consigo (se for esse caso).

### 3. Quadro de Achados,

#### *processo interpretativo e discussão:*

- h) Deve salientar uma descrição organizada da estrutura do fenómeno de modo que se torne compreensível.
- i) Enquadre os achados de modo articulado com a revisão da literatura e a sua experiência enquanto investigador. É nesta fase que deverá confrontar os “seus” achados com os de outros estudos fenomenológicos sobre a temática.
- j) Deverá mostrar os aspectos novos e relevantes que o estudo lhe permitiu compreender.
- l) Na Síntese (Conclusão): faça derivar as implicações e sugestões nas “conclusões” ou síntese do trabalho para a prática de cuidados de Enfermagem, indicando também as limitações do trabalho.

## Nota final

Resta-nos alertar para que não designe de metodologias qualitativas e muito menos fenomenologia, decalques, formas e discursos de senso comum. Que a reflexão necessária na investigação fenomenológica não se confunda com a arbitrariedade das nossas cogitações.

Ao considerarmos a Fenomenologia como um método de investigação e que designamos de método fenomenológico para a disciplina da Enfermagem, centrada sobretudo no campo da experiência vivida, tal como vivida, deveremos estabelecer e utilizar estratégias de rigor adequadas e devidamente enquadradas no processo de investigação, e isso implica um conhecimento do método e da sua linguagem. Consideramos pois fundamental o recurso a estas estratégias que asseguram, quer a adequada utilização do método, quer a credibilidade e rigor do processo e resultados.

## Bibliografia

- ABDELLAH, F.; LEVINE, E. (1971) – **Preparing nursing research for the 21<sup>st</sup> century: evolution, methodologies.** New York: Pringer Publishing.
- AGAR, M. (1986) – **Speaking of ethnography.** Newbury Park : Sage Publications.
- BECK, C. T. (1999) – The lived experience of postpartum depression: a phenomenological study. **Nursing Research.** Vol. 41, n.º 3, p. 166-170.
- BEER, C. G. (1973) – A view of birds. In PICK, Anne D. – **Minnesota symposia on child psychology.** Minneapolis : University of Minnesota Press. Vol. 7, p. 47-86.
- CASIDA, J. (2005) – The lived experience of spouses of patients with a left ventricular assist device before heart transplantation. **American Journal of Critical Care.** Vol. 14, n.º 2, p. 145-151.
- COHEN, L.; MANION L.; MORRISON, K. (2000) – **Research methods in education.** London: Routledge Falmer.
- COHEN, M. Z. [et al.] (2000) – **Hermeneutic phenomenological research: a practical guide for nursing researches.** Thousand Oaks: Sage Publications.
- DELEFOSSE, M.; ROUAN, G. (2001) – **Les méthodes qualitatives en psychologie.** Paris: Dunod.
- DENZIN, N. (1978) – **The research act: a theoretical introduction to sociological methods.** 2<sup>nd</sup> ed. New York: McGraw-Hill.
- DENZIN, N. (1989) – **Interpretive interactionism.** Newbury Park: Sage Publications.
- EISENHART, M.; HOWE, K. (1992) – Validity in educational research. In LECOMPTE, W.; MILLROY, W.; PREISSLE, J. – **Handbook of qualitative research in education.** San Diego: Academic Press. p. 643–680.
- ERICSSON, K. A.; SIMON, H. A. (1980) – Verbal reports as data. **Psychological Review.** n.º 87, p. 215-251.

- FETTERMAN, D. (1989) – **Etnography: step by step**. Newbury Park: Sage Publications.
- FREITAS, Maria do Carmo Soares de (2002) – Uma abordagem fenomenológica da fome. **Revista de Nutrição**. Vol. 15, n.º 1, p. 53-69.
- GAMEIRO, M. A. (2003) – A enfermagem ciência e arte... e a investigação. **Referência**. N.º 10, p. 5-15.
- GIORGI, A. (1994) – A phenomenological perspective on certain qualitative research methods. **Journal of Phenomenological Psychology**. N.º 25, p. 190-220.
- GIORGI, A. (1997) – The theory, practice, and evaluation of the phenomenological method as a qualitative research procedure. **Journal of Phenomenological Psychology**. N.º 28, p. 236-246.
- GLASER, B.; STRAUSS, N. (1967) – **The discovery of grounded theory**. Chicago: Adeline Press.
- GOETZ, J. P.; Lecompte, M. D. (1988) – **Etnografía y diseño cualitativo en investigación educativa**. Madrid: Morata.
- GUBA, E.; LINCOLN, Y. (1989) – **Fourth generation evaluation Beverly Hills**. Newbury Park: Sage Publications.
- KAO, Hsueh-Fen; STUIFBERGEN, Alexa K. (2004) – Love and load: the lived experience of the mother child relationship among young adult traumatic brain-injured survivors. **The Journal of Neuroscience Nursing**. Vol. 36, n.º 2, p. 73-81.
- KAPLAN, R. M. (1987) – **Basic statistics for the behavioural sciences**. Massachusetts: Allyn & Bacon.
- KRIPPENDORF, K. (1980) – **Content analysis: an introduction to its methodology**. Newbury Park: Sage Publications.
- KVALE, S. (1996) – **Interviews: an introduction to qualitative research interviewing**. Thousand Oaks: Sage Publications.
- LAUTERBACH, S. S. (1993) – Another world: a phenomenological perspective and discovery of meaning of mothers' experience with death of a wished-for baby: doing phenomenology. In MUNHALL, P. L.; BOYD, C. Oiler – **Nursing Research**. 2<sup>nd</sup> ed. New York : National League for Nursing Press. p. 133-179.
- LEVINAS, E. (1997) – **Descobrimos a existência com Husserl e Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget.
- LINCOLN, Y. ; GUBA, E. (1985) – **Naturalistic inquiry**. Beverly Hills : Sage Publications.
- LOUREIRO, L. (2002) – Orientações teórico-metodológicas para aplicação do método fenomenológico na investigação em enfermagem. **Referência**. N.º 8, p. 5-16.
- MANEN, M. van (1990) – **Re searching lived experience: human science for an action sensitive pedagogy**. New York: State University of New York Press.
- MILES, M. B.; HUBERMAN, A. M. (1994) – **Qualitative data analysis**. Thousand Oaks: Sage Publications.
- MUNHALL, P. L.; BOYD, C. Oiler (1993) – **Nursing Research: a qualitative perspective**. 2<sup>nd</sup> ed. New York: National League for Nursing Press.
- NEWMAN, M. A.; SIME, A. M.; CORCORAN-PERRY, S. A. (1991) – The focus of the discipline of nursing. **Advances in Nursing Science**. Vol. 14, n.º 1, p.1-6.
- PATTON, M. Q. (1990) – **Qualitative evaluation and research methods**. Thousand Oaks: Sage Publications.
- POLIT, D.; HUNGLER, B. (1983) – **Nursing and research: principles and methods**. Philadelphia: Lippincott.
- SHIMIZU, Helena Eri (1999) – A percepção de docentes do curso de graduação em enfermagem e obstetrícia de uma universidade pública federal sobre a integração docente assistencial. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Vol. 7, n.º 5, p. 51-58.
- SIMÕES, A. (1990) – A investigação-acção: natureza e validade. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Ano XXIV, p. 39-51.
- STAKE, R. E. (1994) – Case studies. In DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S., ed. lit. - **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks [etc.]: Sage Publications.
- STAKE, R. E. (1995) – **The art of case study research**. Thousand Oaks [etc.]: Sage Publications.
- STRAUSS, A. D.; CORBIN, J. M., ed. lit. (1997) – **Grounded theory in practice**. Thousand Oaks: Sage Publications.
- VIEIRA, C. (1996) – A credibilidade da investigação científica de natureza qualitativa: questões relativas à sua fidelidade e validade. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Ano XXXIII, p. 117-140.
- WIMPENNY, P.; GASS J. (2000) – Interviewing in phenomenology and grounded theory: is there a difference? **Journal of Advanced Nursing**. Vol. 31, n.º 6, p. 1485-1492.
- WOLCOOT, H. F. (1994) – **Transforming qualitative data: description, analysis, and interpretation**. Thousand Oaks: Sage Publications.
- YIN, R. (1994) – **Case study research**. Thousand Oaks [etc.]: Sage Publications.
- ZINN, G. R.; SILVA, M. J. P.; TELLES, S. C. R. (2003) – Comunicar-se com o paciente sedado: vivência de quem cuida. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Vol. 11, n.º 3, p. 326-332.